
**A narrativa fantástica dos Carvalhal:
aproximações literárias entre “A casa negra” e
“Os canibais”, apagamentos e ressoamentos**

*The Carvalhal’s fantastic narrative: literary approaches
between “A casa negra” and “Os canibais”, erasures and
resonances*

Mayara Gonçalves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elisabeth Fernandes Martini
Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras - RGPL

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n50a535>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise comparada entre os contos “A casa negra”, de Efigênia do Carvalhal, e “Os canibais”, de Álvaro do Carvalhal, buscando identificar as estratégias utilizadas pelos dois primos no fazer literário, as convergências e as singularidades. Além disso, também buscaremos provocar indagações sobre os motivos que levaram à desvalorização da obra e subsequente apagamento de Efigênia enquanto escritora, ao passo que Álvaro do Carvalhal se tornou um autor prestigiado, ressoando, sobretudo, com a obra “Os canibais” até os dias atuais, sendo recorte de estudo no que concerne à inovação formal e temática na literatura portuguesa oitocentista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada; Portugal; Efigênia do Carvalhal; Álvaro do Carvalhal.

ABSTRACT

This article aims to perform a comparative analysis between the short stories “A casa negra”, by Efigênia do Carvalho, and “Os canibais”, by Álvaro do Carvalho, seeking to identify the similarities in the literary strategies used by the two cousins in the literary work. In addition, we will also seek to provoke questions about the reasons that led Efigênia to erasure and devaluation, while Álvaro do Carvalho became a prestigious author, resonating, above all, with the work “Os canibais”, to the present day, being part of a study regarding formal and thematic innovation in nineteenth-century Portuguese literature.

KEYWORDS: Comparative literature; Portugal; Efigênia do Carvalho; Álvaro do Carvalho.

INTRODUÇÃO GERAL

O século XIX, no contexto histórico-social de Portugal, é muito rico e importante para a compreensão do fazer literário. O país certamente foi palco para muitas mudanças e revoluções neste momento, o que contribuiu para movimentar os intelectuais, cujo resultado mais evidente seria a abundante participação em jornais e periódicos, na segunda metade dos Oitocentos. Entretanto, a presença feminina, nesse contexto, permanece uma questão problemática, por manter-se a reboque dos costumes de uma sociedade patriarcal e conservadora.

Ainda que houvesse grupos de mulheres leitoras e escritoras, deve-se levar em consideração a seletividade socioeconômica preestabelecida. Diante disso, em sua predominância, as mulheres que possuíam o direito ao fazer literário eram oriundas de famílias da aristocracia portuguesa, letradas e com redes de sociabilidade consolidadas, muitas vezes, a partir da própria família.

Também vale destacar que, como a mulher, durante o período oitocentista, não possuía direito à educação escolar formal, as famílias

de maior poder aquisitivo contratavam educadoras para o ensino de diversas aplicações de ordem prática, entre as quais: música, costura, artes, boas maneiras etc. A criação da menina, portanto, visava prepará-la para os papéis futuros de senhora do lar, esposa e mãe. No entanto, várias mulheres conseguiram escapar ao cerco que lhes era imposto pela sociedade patriarcal, expandindo os horizontes por meio da Literatura e angariando, em seu tempo, uma boa reputação como escritoras.

Diante disso, a pesquisa que ora empreendemos possui um caráter essencialmente exploratório, por meio de uma abordagem bibliográfica para reunir documentos coletados no acervo do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL).

Após uma breve apresentação de Efigênia do Carvalhal e de Álvaro do Carvalhal, os quais, mais que os laços de sangue, enveredaram pelos meandros da literatura, tencionamos desvelar as desigualdades várias que ultrapassam o âmbito literário, levantando hipóteses sobre o virtual apagamento e a desvalorização da autora, em contraponto com o prestígio social e literário conquistado pelo autor, cuja obra, até nossos dias, é objeto de estudo.

Em seguida, propomos uma leitura dos contos “A casa negra”, de Efigênia do Carvalhal, e “Os canibais”, de Álvaro do Carvalhal, tendo em vista uma melhor compreensão do período, vindo a relacioná-lo com o fazer literário de ambos. Dessa forma, entendemos, será possível visualizar as estratégias narrativas utilizadas tanto por Efigênia, quanto por Álvaro na produção dos contos. De posse dessas informações, veremos que, apesar da diferença da recepção literária, há semelhanças narrativas que oportunizam a convergência entre os dois autores, expondo, conseqüentemente, a desigualdade de gênero na sociedade oitocentista portuguesa.

Com base em tais evidências, há que tecer questionamentos sobre o contraste entre a carreira literária de Efigênia e Álvaro do Carvalho, resultando no apagamento da escritora, em contraponto à re-verberação da carreira do escritor transmuntano.

INVISIBILIDADE DE EFIGÊNIA DO CARVALHAL X RESSOAMENTO LITERÁRIO DE ÁLVARO DO CARVALHAL

A respeito do universo literário em Portugal, no período oitocentista, sabe-se que o predomínio era masculino, principalmente quando havia a intenção dos ingressantes em seguir uma carreira lucrativa com as produções. Entretanto, para Efigênia do Carvalho, as barreiras foram muito além do gênero, como veremos a seguir, através de uma breve apresentação biográfica da autora.

Efigênia do Carvalho de Sousa Teles Pimentel nasceu em 16 de março de 1839, em uma freguesia chamada Veiga de Lila, município de Valpaços. A autora é oriunda de uma típica família da aristocracia portuguesa, sendo filha de Júlio do Carvalho de Sousa Silveira Teles Pereira e Menezes — o qual teve grande notabilidade em sua carreira militar e política — e D. Maria da Piedade Ferreira Sarmento Pimentel de Lacerda e Lemos. Vale ressaltar que Efigênia teve quatro irmãos, sendo a primogênita da família.

O ano de 1876 foi turbulento para a família Carvalho, devido ao falecimento do patriarca, em 8 de junho. Efigênia herda a casa e o vínculo de Nossa Senhora dos Remédios, também localizada em Veiga de Lila, e se casa com o “morgado do Rio Torto”, Francisco de Moraes Teixeira Pimentel. No entanto, não deixa herdeiros, pois os dois filhos do casal faleceram ainda muito jovens.¹

¹ Conforme informações da família Carvalho não restaram descendentes diretos. (Gonçalves; Martini, 2022, p. 107).

No decorrer de sua jornada literária, Efigênia apresentou diversas colaborações em periódicos portugueses, entre os quais: *A Crisálida: Jornal de Literatura* (1863-1864), editado por Teófilo Braga e J. Simões Dias, *A Esperança, semanário de recreio literário dedicado às damas* (1865-1866) e o prestigiado *Almanaque das Senhoras* (1854-1932), organizado por Guiomar Torresão e inspirado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* cujo principal objetivo era propagar, através da literatura, instrução e passatempo para o público feminino.

Apesar de o presente estudo focalizar a prosa dos Carvalhal, especificamente no que concerne ao gênero textual conto, vale ressaltar que a autora também publicou romances originais, traduções e poesias na imprensa periódica lusa.²

Com 93 anos, Efigênia vem a falecer em 22 de janeiro de 1932, em Veiga de Lilo, e sua sobrinha Umbelina do Carvalhal herda o vínculo de Nossa Senhora dos Remédios, tendo em vista dar prosseguimento à linhagem familiar. Entretanto, nos dias atuais, a sociedade da casa e o vínculo estão praticamente fora do domínio da família Carvalhal.

Em um curto espaço de tempo, Efigênia obteve prestígio como autora, por publicitar suas obras em meios de veiculação renomados e de alto alcance. No entanto, o fato de ser moradora de uma aldeia, no interior de Portugal, distanciou-a do polo de difusão cultural, impedindo-a de frequentar amiúde os salões literários lisboenses. Por conseguinte, o enfraquecimento da rede de sociabilidade levou a um gradativo apagamento da escritora. Mesmo com vida longa,

² Na página dedicada à apresentação da autora, relacionamos os romances *Clotilde* e *Carlos e Laura* publicados em capítulos no semanário *A Esperança*, entre 1865 e 1866, assim como o conto “A casa negra”, que analisamos no presente artigo (Gonçalves; Martini, 2022, p. 107-108).

sequer uma foto ou pintura suas foram preservadas, como informado por sua família.

Seu primo, Álvaro do Carvalhal Sousa Teles, nasceu em uma freguesia do concelho de Valpaços, no ano de 1844. Faleceu aos 24 anos de idade, não restando outros feitos de monta, além do pendor para a escrita. Seu pai, Antônio do Carvalhal, também teve uma breve aspiração literária, escrevendo um romance. Percebe-se, portanto, a influência do ambiente familiar letrado no desenvolvimento do jovem escritor:

Provavelmente terá sido muito favorecido e incentivado pelo próprio meio familiar que o cercava. Tanto seu pai, Antônio do Carvalhal, autor de um romance inédito, como sua prima e companheira de infância, Ifigênia do Carvalhal, amante de poesia romântica e sentimental e futura colaboradora do *Almanaque das Senhoras*, poderão ter marcado eficazmente o destino literário do jovem Carvalhal (Carneiro, 1992, p. 34).

Em 1862, aos 18 anos, o jovem autor estreia no meio literário, em Braga, com o drama “O Castigo da Vingança!”. Em 1864, ingressa na Universidade de Coimbra para cursar Direito, e é nesse período que cria laços com acadêmicos que aspiram inovações no universo literário luso. Como observa Maria do Nascimento Oliveira Carneiro:

Para além desta vibração emocional com o grupo coimbrão, considere-se ainda que por esta mesma altura o juvenil escritor partilha com Antero de Quental e Teófilo Braga algumas páginas das revistas de Coimbra, facto que permite entrever a permeabilização de Carvalhal ao seu tempo e que, se não fosse a inevitável doença de que sofria, teria certamente actuado com mais realce no evoluir da polémica que nesse momento se erguia em Portugal (Carneiro, 1992, p. 38).

A polémica a que se refere Maria do Nascimento Oliveira Carneiro passaria à história como a *Questão Coimbrã*, que está no nascedouro

do Realismo em Portugal, estando Álvaro alinhado a tempo e a hora com seus postulados. Eternizados foram também os seus expoentes — Antero de Quental, Teófilo Braga e Eça de Queirós –, o que contribuiu sobremaneira para que o nome e a obra de Álvaro do Carvalho permanecessem em cena, mesmo após o seu passamento.

Em 14 de março de 1868, Álvaro do Carvalho faleceu em decorrência de um aneurisma. O jovem autor não chegou a ver seus contos publicados em volume. Diante disso, “será graças aos cuidados de seu amigo J. Simões Dias que todos os seus contos serão publicados em 1868” (Carneiro, 1992, p. 39), pois, a princípio, sua produção escrita fora divulgada exclusivamente na imprensa periódica.

Entre suas contribuições para a cena literária, destacam-se “O castigo da vingança!” (1862), “O punhal de Rosaura” (1866), “Os canibais” (1866) — seu *chef-d’œuvre* —, “A febre do jogo” (1867), “Honra antiga” (1867) e “A vestal” (1867). Sabendo que sua produção literária possui influências do gótico e do grotesco, sofrendo interferências de Edgar Allan Poe e Baudelaire, por exemplo, “Álvaro do Carvalho ficará conhecido, sobretudo na História da Literatura Portuguesa, como autor de contos singulares com incursões no reino do fantástico” (Carneiro, 1992, p. 38).

Apesar de ter construído uma breve carreira em decorrência de sua doença, Álvaro do Carvalho continua ecoando nos estudos de Literatura Portuguesa do século XIX, ainda que não tão prestigiado em comparação com o cânone literário dessa época. Entretanto, se compararmos o lugar que ora ocupa no panteão de escritores oitocentistas com o que foi destinado à sua prima, Efigênia do Carvalho, que veio a falecer aos 93 anos, sem alçar reconhecimento como escritora ou sequer ter a memória preservada, o contraste entre os autores torna-se evidente. Ao passo que Álvaro criou uma rede de apoio na Universidade de Coimbra, com os principais nomes da literatura que deram ressonância à sua obra, Efigênia con-

tinuou distante dos salões literários e das redes de sociabilidade que, até então, eram indispensáveis para quem se dispusesse a ingressar no espaço literário.

Como ambos os autores utilizavam recursos narrativos afins, como a introdução de elementos fantásticos com tendências realistas em seus textos, cabe-nos analisar as similaridades, de modo a verificar os pontos de ambas as narrativas que aproximam um autor prestigiado e uma autora invisibilizada, ainda que oriundos da mesma família.

“A CASA NEGRA” E “OS CANIBAIS”: SIMILITUDES E DESSEMELHANÇAS ENTRE AMBAS AS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Os contos “A casa negra”, de Efigênia do Carvalhal, e “Os canibais”, de Álvaro do Carvalhal, possuem muitos pontos em comum, apesar de produzidos em condições diversas — homem, autor da cidade urbana e próximo do cânone literário *versus* mulher, aldeã, desprovida de uma rede de sociabilidade consistente e distanciada dos polos de difusão.

No conto “A casa negra” (1866), publicado no jornal *A Esperança*, a narrativa já se inicia com um clima de mistério que envolve a referida casa, através da introdução de elementos obscuros e góticos à ambientação. Assim, o enredo se desdobra à medida que moradores da aldeia dão suas versões sobre o mistério que ronda a casa negra, que ganhara com o passar dos anos a pecha de mal-assombrada.

Em tempos idos, uma bela jovem teria fugido com o amado e abandonado o seu pai, deixando-o perecer de tristeza em sua residência. O mistério do imóvel se consolida à medida que os dias passam e a casa continua abandonada na pacata aldeia. Diante desse acontecimento trágico, as hipóteses sobre a maldição que cerca a casa negra começam a entrar em circulação, e cria-se a tradição entre as mu-

lheres da aldeia de transmitir oralmente as histórias construídas em torno desse mistério.³

É interessante perceber que, nas conversas entre os aldeões, a autora utiliza elementos que marcam a natureza sobrenatural da casa, com menções a demônios, bruxas e espíritos, com o diálogo entre as locais a ilustrar a presença desses elementos fantásticos:

— Eu fiquei *parba* de medo, e *oubi* gritos e gemidos que saíam dessa casa amaldiçoada, e a estes gritos, e a estes gemidos, respondiam outras vozes, se aquilo eram vozes, cantando umas cantigas, que só o diabo as entendia; e depois senti que dançavam lá dentro; de novo *oubi* os gritos e os gemidos, e o fantasma não se *mobia* da *jinela*, e continuava a lançar chamas pelos olhos, nariz, e boca...
[...]

— O outro dia — disse uma das velhas — vinha o meu *Joquim* do monte com as ovelhas e *biu* dois *homes* (cuidou ele que eram *homes*) que passeavam no mais espesso do bosque que rodeia a casa negra, ele faz-se acercando deles cautelosamente para lhe *oubir* o que diziam... eis se não quando abriu a terra debaixo de seus pés, e os dois *tinhosos*, que outra coisa não eram, sumiram-se nas entranhas da terra!! (Carvalho, 2022, p. 113).

Entretanto, o enredo começa a tomar novos rumos com a entrada de dois personagens a interpelarem as mulheres crentes nos mistérios sobrenaturais da casa: uma jovem e o senhor Antoninho. As duas figuras, cétricas diante do assunto, discordam dos demais aldeões, por não acreditarem nas histórias perpetuadas pela tradição local. Na tentativa de convencer a moça, a senhora Brígida começa

³ Discorremos sobre o ato de contar histórias sobre mulheres que contam histórias, o que resulta em um metatexto, no artigo “A potência invisibilizada de Efigênia do Carvalho: novas perspectivas sobre a escrita feminina através do conto ‘A casa negra’” (Gonçalves; Martini, 2023, p. 154).

a descrever o episódio em que ela própria acredita ter se deparado com as ditas criaturas macabras. Apesar da insistência da aldeã, a jovem demonstra ceticismo diante dos relatos descritos e passa a ser alvo da ira da interlocutora:

— Riste, grandessíssima tola? — procurou a sr.^a Brizida. — Pois eu te conto *outra* que eu *bi*. Quando o meu *home* que Deus haja, era pastor, eu ia levar-lhe a ceia; uma ocasião elle *andaba* longe com o redil, *andaba* no bale do *rio pardo*, e eu quando *binha* para casa passei naquela encruzilhada que *bós* sabeis, e *bi* um rebanho de patas a sapatearem, e a grasnarem... Arrepíaram-se-me os cabelos, e *desbiei-me* do caminho; mas de repente, as bruxas deixaram de dançar, *lebantaram boo*, passaram junto de mim, e era tal o bento que faziam que me ergueu do chão como se fosse um *polborinho*, e levaram-me... eu sei lá para onde! O que sei é que ao outro dia amanheci no *bale* do *rio pardo*, mesmo ao pé do redil onde *estaba* o nosso gado, e tão cheia de pisaduras, e tão moída *estaba* como se me batessem com um saco de areia com doze *binténs* dentro.

— E que dizes a isto, *Jabel*? — procuraram as atentas ouvintes da sr.^a Brizida.

— Eu o que digo — respondeu a rapariga — é que a sr. Brizida adormeceu no *val do rio pardo* e sonhou que se tinha vindo para casa, e que vira patas ou bruxas (Carvalho, 2022, p.115).

Quando a narrativa já se encaminha para o final, o senhor Antãozinho decide ver com seus próprios olhos o que realmente se passava dentro da casa, acompanhado por alguns moradores. Entretanto, devido à macabra reputação que a casa possuía, todos desistiram de continuar na marcha, restando o destemido senhor a insistir no seu intento. Ao final da narrativa, ocorre a quebra de expectativa, no momento em que Antônio elucida o mistério. O segredo por detrás da casa era, simplesmente, a produção de moeda falsa acobertada pela história fantasmagórica:

Antônio procurou, procurou com a paciência que caracteriza a gente do povo, e por fim de tantas indagações descobriu, cheio de júbilo, que na parede duma das salas se abria uma porta falsa! Essa porta estava cuidadosamente fechada. Após alguma resistência cedeu, e todos se precipitaram em turbilhão no interior duma sala espaçosa bastante, e à qual dava unicamente luz uma clara-boia. Nessa sala viram dispersos, e em desordem... Ora adivinhem o quê?...

Todos os utensílios de fazer... moeda falsa!!!

Esclareceu-se então a verdade; explicou-se o mistério (Carvalho, 2022, p. 118).

Diante de um breve resumo do conto “A casa negra”, pode-se perceber que a autora constrói estrategicamente uma narrativa rica e com diversas camadas. A partir da introdução de elementos fantásticos e macabros influenciados pelo *roman noir*, faz-se possível estabelecer e alimentar o sobrenatural, com forte apelo à cultura popular e à transmissão oral. Com o final voltado para uma tendência mais realista, a expectativa é quebrada e torna-se possível identificar certas críticas, implícitas ou não, como a referente à falsificação de moedas, usual nos dois lados do Atlântico. Tanto que pululam na imprensa luso-brasileira, no correr do século XIX, denúncias afins, evidenciando “os esforços diplomáticos entre Brasil e Portugal para reprimir a falsificação, culminando na assinatura de uma convenção em 12 de janeiro de 1855, visando a punir e reprimir o crime de moeda falsa praticado nos dois países” (Arruda; Seabra; Ribeiro, 2018, p. 146).

O desfecho do conto, além de ser totalmente dissociado do plano sobrenatural, dialoga de maneira significativa com a sociedade portuguesa oitocentista, expandindo-se gradualmente. Desse modo, ao dispor de representações que remetem ao insólito ficcional, acaba por transpor uma linha tênue, dando lugar à figuração realista ao

entretecer a narrativa com uma visão crítica a respeito da prática de crimes corriqueiros, naquele momento, em Portugal.

O conto “Os canibais” (1868), do autor Álvaro do Carvalho, por sua vez, é ambientado dentro dos prestigiosos salões da aristocracia portuguesa, oferecendo um recorte da sociedade lusa em espaço urbano. O enredo narra um trágico triângulo amoroso entre a jovem Margarida, o misterioso e recém-chegado visconde de Aveleda e o ciumento e maquiavélico D. João. Quando o visconde chega à cidade, rouba a atenção de Margarida e de outras jovens, fazendo-a se apaixonar pelo enigmático homem. A chegada dele proporciona um clima de tensão na narrativa. Sua postura, sua personalidade e seu andar são pontos de foco do narrador para introduzir o fantástico e o macabro, deixando o leitor intrigado com os possíveis mistérios que o personagem traz consigo. Esse momento é evidenciado no seguinte trecho:

Avançou pausado e grave pelo meio da multidão fascinada. Mas naquele momento notava-se um esforço dissimulado; parecia um movimento mecânico, automático. E seus passos soavam no pavimento, a despeito dos finos tapetes, com extraordinário ruído (Carvalho, 2004, p. 227).

Apesar da misteriosa postura do visconde, Margarida tem seu amor correspondido e logo se casam. Já na cerimônia de seu casamento, D. João, totalmente transtornado pelo ciúme, chega à conclusão que irá matar o marido de sua amada, assim que possível. Entretanto, durante a madrugada de núpcias, o enredo toma outros rumos e o horror ganha espaço no conto.

O visconde de Aveleda assume a sua verdadeira forma diante de Margarida, que é tomada pelo pavor assim que o homem revela sua natureza sobrenatural. Durante o ato, o visconde começa a se desintegrar e seus membros são lançados diretamente à lareira, quei-

mando totalmente a sua carne em um ato suicida. A recém-casada, instável em decorrência da cena que presencia, lança-se pela janela do quarto e morre instantaneamente.

Nesse momento, o fantástico toma espaço dentro do conto e se desenvolve plenamente. O mistério revela-se e a narrativa campeia para o sobrenatural. O choque dos personagens diante da revelação leva-os a tomar medidas extremas:

Fez um movimento. Ressoaram estalos como de molas. Horror! Sobre a poltrona caiu um corpo mutilado, disforme, monstruoso. Pernas, braços, os próprios dentes do visconde, brancos como formosos fios de pérolas, tombaram sobre os felpudos tapetes da Turquia, e perderam-se nas dobras de seu robe de chambre, que naturalmente se lhe desprende dos ombros. O infeliz era um fenómeno, um aborto estupendo, que, em nossos dias valeria muito dinheiro a quem quisesse especular (Carvalho, 2004, p. 252).

Quando o enredo começa a enveredar para o final do conto, é reproduzida a cena que dá nome ao título do livro. Logo pela manhã, o sr. Urbano Solar, pai da noiva, e os irmãos vão à procura de Margarida. Entretanto, conformados com a sua ausência, eles decidem satisfazer seu apetite com a carne assada encontrada nos aposentos do casal desaparecido. Após comê-la com bastante agrado, vão ao jardim e se deparam com D. João que, ao presenciar a gritaria da madrugada e a visão da jovem, já morta, ao chão, desferiu uma bala em seu próprio peito na tentativa de se suicidar. Ao interrogar o rapaz em seus últimos minutos de vida, o sr. Urbano fica a par dos acontecimentos trágicos durante a noite. D. João esclarece também a origem da carne que fora encontrada na lareira do quarto. Nesse momento, o terror se apodera das personagens:

— Perdi-a... a minha Margarida, a filha querida da minha alma... E como a perdi eu, e quando, e em que lugar!... De que me serviu a elevada crença na sublime bondade de Deus, desse Espírito, tão

poderoso como tirânico, que desfecha cego toda a sua cólera sobre um pobre velho piedoso e honrado? Porque me não escuta, ao menos, quando lhe peço a morte? Implorei-a do fundo da alma com fé, com amor, e desprezou-me os rogos. Profere blasfêmias. Serão breves as minhas. Filhos, meus filhos, um último abraço. Vou morrer.

— Morrer!

— Necessito descanso. Suicido-me

— Havemos de acompanhá-lo, meu pai, diz enfático, erguendo-se o mais novo (Carvalho, 2004, p. 265).

Entretanto, o conto finaliza com uma sutil e sarcástica crítica, rompendo com o jogo de horror que vinha se estabelecendo desde o início da trama. Após receberem a notícia de que o falecido visconde era milionário e não teria nenhum parente identificado para receber a sua herança, pai e filhos logo se recompõem e ignoram toda a cena que protagonizaram, para fruir a herança que chegaria até eles brevemente. Desse modo, o desfecho final se desdobra em um curtíssimo diálogo, já nos últimos parágrafos:

— Uma palavra, diz o magistrado com solene gesto.

— Breve.

— O visconde de Aveleda era milionário.

— Que mais?

— Não sei de parentes mais chegados do que nós.

— Mas...

— Somos seus legítimos herdeiros.

— Nós!

— Oh!

Calaram-se. Nesse curto espaço de silêncio observou o magnânimo doutor que as fraternas e paternas feições iam resplandecendo pouco e pouco, como se um sol esperançoso acabasse de rasgar tempestuosas nuvens.

— Glória a Deus! Clamam ambos. Estamos salvos! Bendito sejas tu, que nos salvaste!

E encanizaram-se no magistrado, como molossos esfaimados num couro rijo de pernil de Lamego (Carvalho, 2004, p. 266).

O autor também utiliza essa imagem simbólica para trazer um caráter denunciativo e expositivo à sua produção literária. Portanto, através do canibalismo representado no conto, vê-se uma “narrativa que é também uma denúncia da sociedade burguesa, imoral e materialista, lançada sem escrúpulos na corrida para o dinheiro” (Carneiro, 1992, p. 58).

Também é possível perceber, ao longo do texto e, principalmente, ao final de “Os canibais”, que o autor carrega as tintas ao esquisar as reações dos personagens, produzindo pela via do excesso uma dramatização que chega às raias da caricatura. Desse modo, reverbera uma crítica aos excessos do modelo ultrarromântico português. Assim,

[...] o próprio final de ‘Os Canibais’, em vez de promover o triunfo da ambiguidade ou a hipótese do mistério (sólido ponto de apoio do fantástico), instala-nos na banal e abjecta realidade humana. Sob o signo da dimensão satírica, Carvalho reduz os acontecimentos narrados a uma pura alegoria quando intenta demonstrar que todo o homem é um bicho selvático entregue ao frenesi da devoração de seus semelhantes (Carneiro, 1992, p. 82).

Visto isso, pode-se notar que o conto possui uma ambientação tomada pelo macabro e grotesco, sustentando a dúvida do leitor quanto à natureza do visconde de Aveleda até o clímax da narrativa. Desse modo, a interferência do fantástico mostra-se evidente. Entretanto, o desfecho final aponta o caráter realista e denunciativo que a obra sustenta, a partir do canibalismo simbólico que remete à sociedade burguesa capitalista dos Oitocentos.

Como “A casa negra”, de Efigênia, “Os canibais” é um metatexto. Entretanto, ao passo que Efigênia cria uma história sobre mulheres

que contam histórias, Álvaro do Carvalho projeta uma narrativa que dialoga diretamente com o leitor sobre o próprio fazer literário.

Quando comparamos e analisamos as duas produções literárias, vemos as nítidas semelhanças e estratégias narrativas usadas pelos autores. Sabendo que o fantástico, de acordo com Todorov (1975, p. 31), é “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural”, Efigênia e Álvaro do Carvalho utilizam elementos fantásticos para garantir e alimentar o mistério dentro da cena literária. Não despretensiosamente, a atmosfera cercada por bosques, montanhas e florestas já sugere um cenário gótico e macabro.

Porém, em “A casa negra”, o suposto sobrenatural, ao final, apresentará uma revelação realista e dentro da racionalidade humana como estratégia narrativa em seu caráter denunciativo. Desse modo, pode-se notar uma possível aproximação com a definição do fantástico-estranho, formulada por Todorov. Essa denominação — entre o estranho-puro e o fantástico — consiste na construção do fantástico e sua invalidação a partir de um desfecho que condiz com a realidade humana concebível, e é explicada no seguinte trecho:

Comecemos pelo fantástico. Acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem por muito tempo uma explicação racional. Se esses acontecimentos por muito tempo levaram a personagem e o leitor a acreditar na intervenção do sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito (Todorov, 1975, p. 51).

Efigênia alega, no prólogo que antecede “A casa negra”, que escreveu o conto dois anos antes dele vir a lume no semanário *A Esperança*, em junho de 1866. Por sua vez, Álvaro do Carvalho publicara o conto “A estátua viva”, em 1865, na *Revista de Coimbra*, o qual, com

o adendo final, integrou a obra póstuma *Contos* (1868), com o novo título: “Os canibais”, como salienta Gianluca Miraglia (2004, p. 280).

A sucessão de datas das produções leva a crer que houve uma troca profícua entre os membros da família Carvalhal, em um período particularmente efervescente da Literatura Portuguesa. No entanto, mesmo vindo a falecer com 93 anos, em contraste com seu primo que partiu precocemente, a autora seguiu invisível no espaço literário, tendo seu curto período de visibilidade no período em que atuou como colaboradora junto ao periodismo oitocentista português.

Ao se referir a Álvaro do Carvalhal, Carneiro sustenta que “talvez nenhum outro autor português, movendo-se familiarmente por entre as malhas da fantasmagoria, tenha sabido com tanta audácia, bom humor e persistência desconstruir os próprios efeitos de mistério que selecionou” (1992, p. 66). Cabe, no entanto, observar, após a leitura atenta dos referidos contos, que, assim como Álvaro, Efigênia também se aventurou por esse caminho, produzindo uma obra de relevo que, livre das amarras do pensamento patriarcal que por anos tem minorado a atuação feminina na cena literária lusa, há de ser resgatada do fosso do esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o disposto ao longo deste trabalho, entendemos que foi possível analisar e comparar de maneira mais clara o caminho desses dois escritores que, apesar de oriundos da mesma genealogia, traçaram rotas diferentes em decorrência de diversos fatores que surgem a partir da condição de gênero. No entanto, salientamos também que sua prosa ficcional converge em pontos específicos, haja vista os elementos do fantástico que introduzem nos respectivos contos.

Sem restringir o fazer literário de ambos unicamente a esse quesito, percebemos que o pendor realista já se manifestava, a partir

das críticas voltadas para algum recorte social, como a devoração da burguesia, em “Os canibais”, e a prática de falsificação de moedas em “A casa negra”. A ambientação de ambos os textos – enriquecida por bosques, montanhas, florestas e um clima *noir* onipresente – também funciona perfeitamente como um importante recurso do fantástico para transmitir o clima sombrio que permeia as tramas.

Baseando-se nos princípios usados por Todorov para distinguir as vertentes do fantástico, também foi possível identificar que o conto “A casa negra” se encaixa no subgênero do fantástico-estranho, cindindo com efeito sobrenatural em seu desfecho. Diante disso, convém salientar o uso de imagens simbólicas para agregar o caráter denunciativo e expositivo à obra de Efigênia enquanto recurso estratégico também usado por Álvaro, ao cultivar a dúvida no leitor no que concerne à natureza da casa negra e à origem de seu proprietário, com uma explicação racional no encerramento da trama.

Ainda que tenha se mostrado uma escritora proficiente e inspirado e/ou se inspirado no percurso do primo, correligionário ele próprio da Geração de 70, nada impediu o virtual apagamento de Efigênia do Carvalho da cena literária portuguesa, na passagem do século XIX para o XX. A autora não teve tantas oportunidades de reconhecimento pelo seu trabalho se comparada a Álvaro, que passou a marginalizar o cânone literário, nas últimas décadas dos Oitocentos.

É meritório o reconhecimento que o nome e a obra de Álvaro do Carvalho arrebanham até os nossos dias, eternizado que foi o autor pela coletânea de contos póstumos, dando “provas de ter mergulhado com sucesso na *ars* da literatura negra e de terror, pondo-nos em contacto com o fantástico e com o grotesco de uma forma tal que não teve continuadores em Portugal”, como afirma Marisa das Neves Henriques (c2016). Pelo contrário, sua presença perdura rediviva, haja vista a transformação de “Os canibais” em filme-ópera, pelas mãos de Manoel de Oliveira, em 1988.

No entanto, o silêncio a que Efigênia do Carvalhal foi votada, assim como tantas escritoras que publicaram na imprensa periódica oitocentista e tiveram suas aptidões e talentos desmerecidos por mais de um século, não deveria passar impune. Isso porque o conto que por ora analisamos dá mostras abundantes da valoração que a autora dá à oralidade, ao fazer um registro *ipsis litteris* do modo de falar transmontano. Ela própria, com humildade, haveria justificar a criação

(d)essa história, lenda, ou o que lhe quiserem chamar (...) Escrevi-a e atirei com ela para o fundo duma gaveta da minha secretária. Lembrei-me de lhe dar publicidade, não pelo merecimento do escrito que nenhum encerra, mas sim para tornar mais conhecida a rude singeleza que caracteriza ainda os aldeões de Trás-os-Montes (Carvalhal, 2022, p. 109).

Efigênia não visava tão somente publicitar uma obra de sua autoria. Ela queria também referenciar, por meio da ficção, a cultura vicejante, evidenciando a expressão oral e a forma de pensar dos habitantes de Trás-os-Montes e Alto Douro. Queria também, por meio dos seus escritos, pôr em primeiro plano a voz das mulheres do povo, contadoras de história por excelência, a compartilharem saberes e crenças, de geração para geração.

Ao invés de enveredar por temáticas leves e românticas, como seria de se esperar em se tratando da escrita feminina à época, cujo modelo romântico já dava mostras de exaustão, Efigênia do Carvalhal tomou para si o registro da cor local e tornou-se uma perscrutadora da realidade circundante, plasmando-a em sua narrativa.

Assim, é preciso reforçar que o resgate da literatura feminina oitocentista possibilita o reconhecimento de autoras que, mesmo afinadas com o mesmo estilo de produção literária de certos autores renomados, não foram capazes de ressoar nos séculos posteriores devido às barreiras impostas pela sociedade oitocentista.

Observando a aproximação entre Efigênia e Álvaro do Carvalho em suas produções escritas, assim como a distância social estabelecida entre ambos, pode-se entender que, em um espaço em que os homens sempre levam créditos pelas supostas originalidades e inovações literárias, também resistem escritoras silenciadas e desvalorizadas por fazerem o mesmo trabalho, como Efigênia do Carvalho opera em “A casa negra”.

RECEBIDO: 27/03/2023 APROVADO: 01/05/2023

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rogério Pereira de; SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque; RIBEIRO, Ednalma Leticya Santiago Vial. O crime de moeda falsa e sua abordagem pelo jornal Diário do Rio de Janeiro, 1840-1869. *Revista Aedos*, v. 10, n. 22, p. 140-165, ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/79170>. Acesso em: 21 mai 2023.

CARNEIRO, Maria do Nascimento Oliveira. *O fantástico nos contos de Álvaro do Carvalho*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1992.

CARVALHAL, Álvaro do. *Contos*. Posfácio de Gianluca Miraglia. Editora: Assírio & Alvim, 2004.

CARVALHAL, Efigênia do. “A casa negra”. In: CASTRO, Andreia Alves Monteiro de; CRUZ, Eduardo da. (Org.) *Ao Raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: Liber Ars, v.1, 2022.

CARVALHAL, Ephigenia do. “A casa negra (lenda)”. In: AMARAL, Antonio Peixoto do. *A Esperança: semanario de recreio litterario dedicado ás damas*. v. II, p.193-196;201-203;209-210;218-220,1866. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/aesperanca/1866/1866_master/Aesperanca_1866.pdf Acesso em 01 mai 2023.

GONÇALVES, Mayara; MARTINI, Elisabeth Fernandes. “A potência invisibilizada de Efigênia do Carvalho: novas perspectivas sobre a escrita feminina através do conto ‘A casa negra’.” *Convergência Lusíada*, v. 34, n. 49, p. 142-163, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/522>. DOI: <https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a522>. Acesso em: 29 jun 2023.

GONÇALVES, Mayara; MARTINI, Elisabeth Fernandes. “Efigênia do Carvalhal.” In: CASTRO, Andreia Alves Monteiro de; CRUZ, Eduardo da. (Org.) *Ao Raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: Liber Ars, v. 1, 2022.

HENRIQUES, Marisa das Neves. “Álvaro do Carvalhal” (verbete). *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Universidade de Coimbra, Portugal, 2016. Disponível em: <http://dp.uc.pt/conteudos/corpus-de-ficcionistas-a-a-z/item/514-carvalhal-alvaro-do>. Acesso em: 21 mai 2023.

MIRAGLIA, Gianluca. “Álvaro do Carvalhal.” In: CARVALHAL, Álvaro do. *Contos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 269-326.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. 4. ed. Editora Perspectiva, 1975.

MINICURRÍCULO

MAYARA GONÇALVES é graduanda em Letras-Português/Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi bolsista como Pesquisadora Júnior no projeto “Escritoras portuguesas e a difusão cultural na colônia imigrante” pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com o Real Gabinete Português de Leitura (RGPL). Atualmente, é membro do projeto de extensão em estudos de literaturas africanas em língua portuguesa na UERJ e atua como bolsista CAPES na área do ensino de língua portuguesa.

ELISABETH FERNANDES MARTINI é Doutora em Literatura Comparada e Mestre em Literatura Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, desde 1988. É membro do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, e investigadora colaboradora junto ao Centro de Estudos Clássicos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.